

DIA A DIA

diadia@redetribuna.com.br

Jovens querem negócio próprio

As gerações “Y” e “Z”, também conhecidas como gerações da internet, preferem abrir seu próprio negócio em vez de procurar a estabilidade de um emprego com carteira assinada.

Em pesquisa da Universia com jovens de 21 a 26 anos em nove países, incluindo o Brasil, 82% dos entrevistados manifestaram o desejo de se tornar empreendedores porque acreditam que dessa forma terão mais liberdade no trabalho, vão alcançar melhor ganho financeiro e farão aquilo pelo que têm paixão.

No Espírito Santo, o número de jovens empreendedores está crescendo, de acordo com dados do Conselho Regional de Administração (CRA-ES). O número de registrados na instituição com idade entre 21 e 26 anos cresceu 42%, passando de 1.476 em julho do ano passado para 2.100 em julho deste ano.

Os jovens de hoje estão menos ligados à hierarquia, preferem a ideia de não ter chefe e horários flexíveis, e o rumo natural é ter o próprio negócio, disse o presidente do CRA, Marcos Félix Loureiro.

* * *

Porto Central na fila

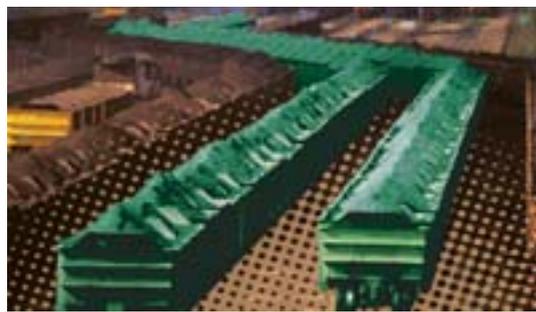
A autorização do governo federal para o Porto Central, em Presidente Kennedy, ainda não saiu, mas o fato não preocupa o diretor do empreendimento, José Maria de Novaes. A anuência não era aguardada para esta rodada, segundo ele. Jurong e Manabi já receberam o “ok”, mas o estaleiro está em etapa mais avançada de instalação e a Manabi é um “projeto menor”, disse.

Base para aquecer gás

Para que o gás natural seja levado via gasoduto até as indústrias e as residências de São Mateus, a Petrobras vai construir uma base para aquecer o combustível — procedimento necessário para a distribuição, segundo o secretário Luiz Fernando Lorenzoni.

O gás sairá do Gasene rumo ao City Gate, já em construção. De lá, irá para a base e, então, para os consumidores.

* * *



Números da Vale no Estado

O Porto de Tubarão embarcou 49,7 milhões de toneladas de minério de ferro e 7,3 milhões de toneladas de carga geral entre janeiro e junho deste ano. Já a Estrada de Ferro Vitória a Minas foi responsável pela movimentação de 68,5 milhões de toneladas, entre minério de ferro e cargas gerais, no mesmo período.

* * *

Falta profissional qualificado na indústria de plástico

Profissionais qualificados na área de produção, qualidade e desenvolvimento de novos produtos na indústria de plástico estão em falta no Estado. Segundo o Ideias, uma das deficiências competitivas da indústria de transformados plásticos e papelão capixaba é a falta de mão de obra preparada. Para o presidente do Sindiplast-ES, Neviton Gasparini, a implantação da Escola do Plástico será essencial para reverter esse quadro. As obras devem começar neste ano.



CELSO MING

Declínio do petróleo?

A matéria de capa da revista inglesa The Economist do último dia 3 de agosto avisa que o consumo de petróleo, hoje nos 89 milhões de barris (159 litros) diários, pode estar perto do seu pico. Há razões para acreditar que, daqui para a frente, em vez de aumentar, essa demanda começa a cair. Se isso estiver correto, o Brasil corre o risco de deixar muito petróleo sem explorar, enterrado no subsolo. A primeira razão pela qual o fim da era do petróleo pode estar mais próximo do que o percebido até agora, aponta a Economist, é a grande revolução do gás de xisto atualmente em curso, assunto já comentado várias vezes por esta coluna.

Nos próximos anos, esse gás, obtido por meio do fraturamento das rochas de xisto, não só deverá substituir em larga medida os derivados de petróleo, mas, também, será fator de redução expressiva dos preços do petróleo.

Por enquanto, são os Estados Unidos que produzem a maior parte do gás com essa tecnologia. Mas a novidade está atraindo a atenção e os investimentos de grande número de países.

A Economist prevê, também, que maiores exigências ambientais e o novo interesse do consumidor levarão os fabricantes de veículos não só a produzir motores bem mais eficientes, como, também, a substituir a tecnologia convencional por outras que dispensarão os combustíveis fósseis.

Hoje, cerca de 60% do petróleo é utilizado para movimentar a frota global de veículos.

Desde a descoberta do pré-sal na Bacia de Santos, em 2006, a política do petróleo adotada pelo governo parte do pressuposto contrário ao apontado aqui: o de que a demanda mundial de petróleo só tende a crescer e, com ela, os preços.

Segue-se que a exploração dessas riquezas não tem pressa. Pode seguir devagar, sem forçar demais a capacidade de investimento da Petrobras e sem necessidade de abrir demais o mercado para empresas estrangeiras.

Faz parte desse entendimento o novo marco regulatório do pré-sal que obriga a Petrobras a participar de todos os contratos de exploração na condição de única operadora e com participação mínima de 30%.

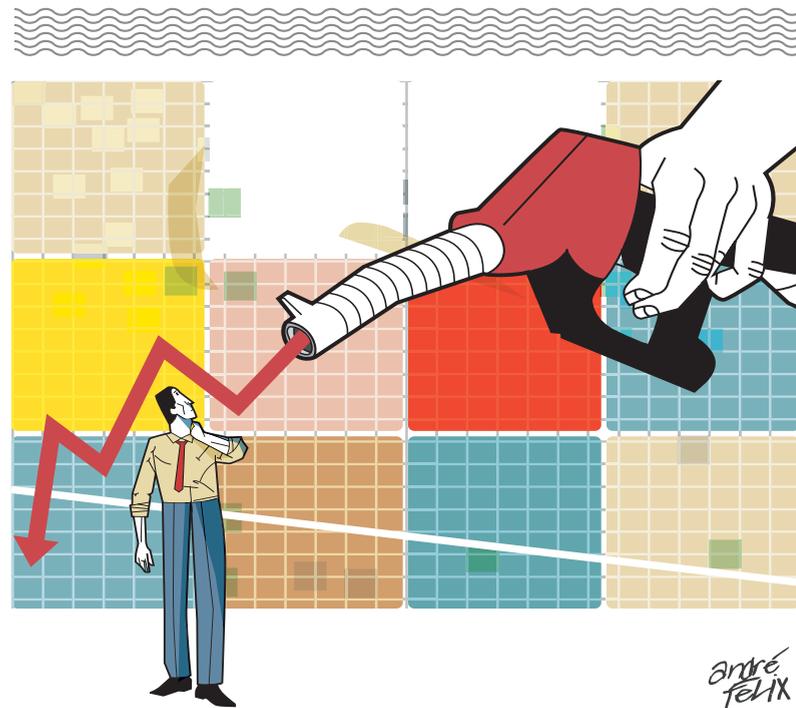
Como os recursos da Petrobras são limitados, o ritmo das licitações terá de ser forçosamente lento.

O primeiro leilão do pré-sal, depois das primeiras descobertas, só acontecerá em outubro, sete anos depois.

Também faz parte dessa falta de pressa a atual política de represamento dos preços dos com-

campo de petróleo corre um prazo nunca inferior a oito anos.

Este governo corre o risco de ser apontado no futuro como aquele que desperdiçou a oportunidade de aproveitar o petróleo para o desenvolvimento do País.



Hoje, cerca de 60% do petróleo é utilizado para movimentar a frota global de veículos

bustíveis que produz crescente deterioração do caixa da Petrobras e, portanto, de sua capacidade de investimento.

Sempre há aqueles que argumentam que, se acontecer, essa suposta inversão do mercado do petróleo é coisa só para os anos 20.

O problema é que entre a licitação e o início de produção de um

Nessas horas, soam como proféticas as advertências do xeque Ahmed Zaki Yamani, ministro do petróleo da Arábia Saudita nos anos 70.

A quem o acusava de explorar depressa demais as riquezas do país dizia ele: “A idade da pedra não acabou por falta de pedra. É o que pode acontecer com o petróleo”.